

INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARINA – IJUSC

Este *paper* é apresentado à Diretoria de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista junguiana

Candidata: Jussara Veiga Silva Zardo

Paper 9 – Florianópolis, 25 de fevereiro de 2025

TORNAR-SE ANALISTA JUNGUIANA: PAUSA REFLEXIVA SOBRE ESTA JORNADA

Sendo este o último *paper* elaborado a fim de atender as exigências da primeira etapa do curso de formação de analista junguiana, pelo Instituto Junguiano de Santa Catarina – IJUSC, achamos por bem refletir sobre a jornada que dispusemos a percorrer; cientes de que por hora, estamos concluindo parcialmente os requisitos propostos para a formação. Novos desafios estão por vir, trata-se da produção e apresentação dos trabalhos ‘Estudo de caso’ e ‘Monografia’, que certamente irão demandar muita dedicação, sendo também uma oportunidade para revisão de conteúdos e aprofundamento da teoria proposta por Carl Gustav Jung (1875-1961).

A princípio, discorreremos sobre o que nos levou a tornarmos candidatos deste curso, mesmo sabendo que seria uma jornada árdua, onde investiríamos tempo significativo nos estudos, frequentaríamos seminários, produziríamos trabalhos, além de nos submeter a uma extensa carga horária de análise e supervisão, nos dispendo a fazer um investimento financeiro considerável, diante da realidade econômica do nosso país. Em seguida, abordaremos como o aprendizado adquirido, de acordo com a proposta de ensino que nos foi oferecida, em paralelo ao processo de análise pessoal e às sessões de supervisão, bem como os encontros de tutoria, foram delineando esta trajetória, tendo em vista nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Por último, e não menos importante, discorreremos sobre a responsabilidade que tal empreendimento acarreta, principalmente por termos tido a possibilidade de aprimorar nosso olhar sobre as relações que estabelecemos conosco mesmo, com as pessoas com quem convivemos e com o mundo no qual participamos.

Quando as pessoas ouvem falar sobre a formação de analistas junguianos, muitas perguntam: do que se trata? Qual a diferença entre terapia, psicoterapia e análise? Pois bem, existem vários tipos de terapia, e não precisa ser psicólogo para

ser terapeuta; no entanto, o Conselho Federal de Psicologia – CFP, que regulamentou a profissão de psicologia no Brasil em 27 de agosto de 1962, pela Lei Nº 4.119; em 20 de dezembro de 2000, através da resolução CFP Nº 10 – especifica e qualifica a psicoterapia como prática do psicólogo, que assim diz no Art. 1º:

A Psicoterapia é prática do psicólogo por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e propiciando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos (SITE.CFP.ORG.BR,2025).

Isto posto, podemos dizer que, o psicoterapeuta é tanto o psicólogo, quanto o psicanalista e o psiquiatra, profissionais estes que se propõem a tratar das questões emocionais, mentais e/ou comportamentais trazidas por seus pacientes, auxiliando-os por meio do diálogo que se estabelece entre as partes e das técnicas que utilizam. No entanto, a maioria das abordagens psicológicas, das diferentes escolas, tratam das questões de adaptação, do aspecto consciente da mente. Por outro lado, pressupõe-se que os psicoterapeutas que seguem as abordagens conhecidas como psicologias profundas: a psicanálise e a psicologia analítica ou psicanálise junguiana, conforme alguns autores, também levam em consideração os conteúdos advindos do inconsciente, como os sonhos, por exemplo; observando a psique como um todo.

A análise e o analista – quando falamos de análise, estamos nos referindo a um tipo especializado de psicoterapia. Especializado por quê? Porque para tornar-se analista, o profissional – psicólogo ou médico, deve se submeter a um programa específico de formação. Por meio desse treinamento, espera-se que o profissional esteja capacitado para melhor atender seus pacientes. Após receber o título de analista, seus pacientes passam a ser chamados de analisandos. Stein enfatiza que:

A estrutura da formação junguiana [...] gira em torno de três elementos básicos: seminários didáticos, análise pessoal e supervisão de casos analíticos. [...] Ao final, o produto esperado de uma formação é uma personalidade madura e um psicanalista junguiano competente, que é um aprendiz por toda a vida (STEIN, 2019, p. 527-528).

Esta estrutura da qual Stein (2019) enfatiza, atende ao padrão de ensino estabelecido pela Associação Internacional de Psicologia Analítica (*International Association for Analytical Psychology* – IAAP), que, segundo Hall é “[...] o principal órgão de qualificação profissional dos junguianos” (HALL, 2022, p. 40). A IAAP está sediada em Zurique, na Suíça, foi fundada em 1955 pelo próprio Jung e um grupo de

analistas internacionais. Hoje possui aproximadamente sessenta sociedades e grupos afiliados em todo o mundo. No Brasil, temos duas sociedades associadas a IAAP, uma delas é a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica – SBPA, e a outra é a Associação Junguiana do Brasil – AJB; fundada em 1991, que atualmente possui nove Institutos coligados, onde o Instituto Junguiano de Santa Catarina – IJUSC, é o mais novo deles. Então, ao tornar-se membro do IJUSC, por exemplo, automaticamente o analista também se torna membro da AJB e da IAAP.

Quando em março de 2020, o IJUSC abriu vagas para candidatos à primeira turma de formação de analistas, como tínhamos os pré-requisitos necessários, lançamo-nos a este desafio sem pestanejar; assim nos submetemos às entrevistas e fomos aprovados. Já nutríamos um interesse genuíno por esta abordagem, tendo concluído uma especialização em 2009, e desde então, continuamos atuando profissionalmente com esta referência teórica. Todavia, reconhecíamos um desejo de ‘quero mais’, uma necessidade de maior compreensão da psique e da própria teoria para que pudéssemos lidar melhor com nossas próprias questões e com as questões trazidas por nossos pacientes. A formação em si não esclarece todas as nossas dúvidas; pelo contrário, o referido curso fomenta ainda mais nossa condição de eternos aprendizes; é como se abríssemos ‘um leque’ de novas possibilidades.

Nesta primeira etapa, com quatro anos e meio de duração, tivemos que fazer muitas escolhas e alguns sacrifícios, onde inúmeras vezes renunciávamos a horas de lazer, a companhia de amigos e familiares, para que pudéssemos participar dos seminários, dedicar tempo às leituras do conteúdo programático, produzir *papers* etc.

Retomando os ‘três pilares básicos’ para o curso de formação de analistas junguianos, nos propomos a descrever brevemente sobre cada um deles, começando pelos *seminários didáticos* – oportunidades estas em que discutimos em grupo os textos de Jung e obras de outros autores que contribuem com essa abordagem, possibilitando assim, um aprofundamento na teoria. Em cada seminário, contamos com a apresentação de um caso clínico – feita por um dos candidatos, de forma a elucidar, na medida do possível, as questões teóricas e suas aplicações práticas.

Segundo Nagy (2003, p. 9), Jung apresenta um estilo ambíguo e contraditório, tendo criado um vocabulário próprio para sua psicologia, cujas nuances normalmente são inteligíveis apenas pelos que foram iniciados no processo analítico.

Quanto mais nos debruçávamos nos estudos, mais aumentava nossa curiosidade pela compreensão das ideias deste pensador, que de alguma forma nos atraíram. Decifrar esta linguagem e traduzi-la para que possamos nos comunicar fora do nosso círculo torna-se um grande desafio.

Corroborando com o que foi descrito por Nagy (2003), o professor, pesquisador e psicólogo Armando de Oliveira e Silva, na oportunidade de participação no programa promovido por Thiasos, dia 10 de julho de 2023, que se encontra disponível no canal do Youtube e traz como tema “Curiosidades Junguianas: Jung em português. Um inventário”, disponibilizou o texto desta apresentação ao grupo inscrito para a referida palestra. Inicialmente, Silva (2023) apresenta a etimologia da palavra “curiosidade”, segundo ele, encontrada no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (vol. 2 – José Pedro Machado, p. 268), significa o “desejo de conhecer, desejo de estar informado”. Do referido texto, além de outras, destacamos a passagem que diz:

A obra de Jung, que se estende do fim do século XIX até 1961, caracteriza-se por sua diversidade, sua riqueza e complexidade. Ao invés de se desenvolver de uma forma totalmente linear, esta obra é marcada por múltiplas mudanças ou transformações, momentos críticos e rupturas. [...] A produção teórica de Jung pode ser pensada como um organismo vivo e como todo sistema vivo ela é complexa, evolutiva, imprevisível, nem sempre clara e coerente, surpreendente e difícil de ser domesticada e submetida a uma série de cânones e modelos acadêmicos (SILVA, s.d., p. 2).

Constatamos então que, o conteúdo proposto para a formação de analistas junguianos corresponde aos pareceres dos autores citados. No decorrer dos nove semestres, tivemos quarenta e oito seminários, onde pudemos ‘aprender sobre’ e reconhecer as quatro fases distintas da evolução do pensamento de Jung – sendo elas: a psiquiátrica, a psicanalítica, o desenvolvimento dos primeiros temas da psicologia analítica e a alquímica.

Como um mestre guia seu aprendiz, analistas experientes e alguns professores convidados, colocaram-se como nossos guias, compartilhando seus conhecimentos, conduzindo-nos pelos labirintos desta complexa teoria, onde pudemos reconhecer o quanto a história de vida de Jung está entrelaçada com a gênese de sua obra. Começamos pelo estudo da biografia de Jung, e seguimos pelos diversos temas que abrangem a obra, como: símbolos da transformação; mitologia; energia psíquica; estrutura e dinâmica da psique; desenvolvimento da personalidade; inconsciente pessoal e coletivo; arquétipos; processo de individuação; tipos psicológicos; a *práxis*

junguiana de uma perspectiva histórica e cultural; desafios contemporâneos; o papel do psicoterapeuta da vocação à sua responsabilidade ética; arte e técnicas expressivas; trabalho com os sonhos; sincronicidade; alquimia; religião; complexos culturais etc.; finalizando com o seminário sobre o livro vermelho e os livros negros – obras estas publicadas postumamente.

Quanto à *análise pessoal*, torna-se imprescindível pelo fato de que todo psicólogo ou analista é antes de tudo, um ser humano. Como tal, tem sua história de vida, ‘carrega’ suas dores, seus amores, suas alegrias e tristezas, e todos os demais sentimentos e emoções. Reconhecer nossas feridas, compreender a dor e seus mecanismos é o que nos mantém ‘abertos’ e sensíveis à dor do outro. Não é por um acaso que o mito de Quíron¹ ou Kyron – o curador ferido, torna-se uma referência aos profissionais que atuam na área da saúde. Destacamos a citação de Jung que diz:

Embora eu tenha sido o primeiro a levantar a exigência de análise para o próprio analista, é a Freud que devemos principalmente a inestimável descoberta de que os analistas também têm complexos, e portanto, um ou mais pontos cegos, que atuam como outros tantos preconceitos (JUNG, OC. 16/1, § 8).

Na prática da psicoterapia ou análise se estabelece um acordo entre as partes – psicoterapeuta/paciente ou analista/analizando, de encontros sigilosos e regulares; preferencialmente no mesmo dia da semana e horário; com a mesma duração de tempo; enfim, segue-se um ritmo, obedecendo requisitos formais, configurando-se uma ritualística. E todas as atividades que têm o caráter de um ritual, podem ser compreendidas como práticas religiosas; pois, etimologicamente, a palavra religião vem de *relegere* (re-lê), no sentido de nos debruçarmos várias vezes sobre a mesma coisa, que tem importância para nós, possibilitando-nos a tomada de consciência e reconsideração das questões que insistem e persistem em nossa psique.

À medida em que expressamos os conteúdos por nós identificados como relevantes na nossa vida, em um espaço seguro e acolhedor, promovido pelo *setting* terapêutico, temos a possibilidade de reconhecê-los a partir de outros pontos de vista, às vezes apontados pelo profissional que está acompanhando nosso processo, já que estes podem ser nossos ‘pontos cegos’, como bem frisou Jung. Assim, vamos ressignificando nossas experiências. Podemos dizer ainda que, o processo analítico

1 Quíron, na mitologia grega, é o centauro que guia grandes heróis, versado nas artes da cura. Por acidente, levou uma flechada de Héracles, seu discípulo; a flecha atingiu Quíron na coxa, causando-lhe uma ferida dolorosa que nunca cicatriza.

é uma oportunidade de ‘encontro consigo mesmo’, das nossas partes conhecidas com as partes desconhecidas; onde o psicoterapeuta/analista se coloca como mediador da consciência e do inconsciente do paciente/analizando.

Convém acrescentar que, sempre que falamos do ‘eu’, estamos nos referindo ao nosso lado consciente, ao ego. Entretanto, o sinônimo de psique é alma. Alma e eu são coisas distintas. Como já dissemos, as psicologias profundas também tratam das questões advindas do inconsciente, de forma que o atendimento não é exclusivo à pessoa, ao eu ou à individualidade, e sim à alma. A pergunta a ser feita é sempre: ‘o que quer a alma’? Este é um serviço que busca identificar onde a alma está presa, ou às vezes, escondida! Questionamos: o que quer a alma com este sintoma? Com esta relação? Com esta fantasia? Com esta imagem?

Em ‘psico/terapia’, se psique é alma e terapia significa cuidado; o paciente é ‘a alma’. Portanto, um dos objetivos, senão o maior objetivo da psicoterapia ou análise, condição para que alguma coisa aconteça com a alma, é a relativização da posição do ego. Não se trata de destruir o sistema de crenças com o qual os pacientes/analizados chegam, temos apenas que ter consciência de que estes sistemas de crenças são as raízes dos motivos que os fazem sofrer.

As decisões que tomamos na vida muitas vezes alteram nossa rotina e a rotina dos que conosco convivem, promovendo transformações na vida de todos os envolvidos. Os que já passaram pela experiência de ‘tornar-se analista’ conseguem mensurar com clareza o esforço desta empreitada; sabem o quanto é importante o apoio e compreensão por parte dos familiares. Sabem ainda que, além da pressão decorrente dos prazos definidos para entrega dos trabalhos, determinados temas discutidos nos seminários podem trazer à tona algum desconforto emocional e que, até mesmo conflitos podem surgir dentro do próprio grupo de candidatos. Isto justifica o fato de que a análise pessoal se torna essencial aos que se lançam nesta jornada.

Depois de um tempo em análise, constatamos que, por mais que os problemas permaneçam, mudamos a forma de lidar com eles, aceitando-os como parte do nosso desenvolvimento; onde percebemos nossa alma em movimento! Segundo Winckel:

A **análise psicológica** pode ser empreendida para atingir um fim estritamente terapêutico ou um fim de evolução espiritual, independentemente de toda confissão de fé, e nem por isso deixa de ser **uma tentativa de harmonização fundada no retorno do ser à unidade** (WINKEL, 1985, p. 52-53). (grifos nossos).

Refletindo sobre a afirmação de que a ‘análise psicológica’ pode ser compreendida como ‘uma tentativa de harmonização fundada no retorno do ser à unidade’ – imaginamos que, ao alcançar essa condição, a pessoa chega a um estado de plenitude, tornando-se um verdadeiro ‘indivíduo’, no sentido de ‘aquele que não é dividido’. Podemos ir além, pensando na representação de alguém que fez as pazes consigo mesmo e com o outro (dentro e fora de si); que se reconhece como ‘criatura’ a serviço do ‘Criador’. Esta é a ideia de um ‘ser individuado’, que sabemos humanamente impossível de alcançar, mas podemos todos chegar ao melhor lugar possível, desde que estejamos cientes da parte que nos cabe realizar nessa direção.

Como ponto de partida para discorrer sobre o terceiro elemento básico para a formação de analistas, que é a *supervisão*, podemos fazer a seguinte analogia em relação à esta prática – quando estamos com algum problema de saúde, onde nos é recomendado algum procedimento arriscado, normalmente recorremos a uma segunda, às vezes até a uma terceira opinião médica para confirmar se tal procedimento realmente é necessário. No lugar de psicoterapeuta, ouvindo os relatos dos nossos pacientes, fazemos uma ‘leitura’ dos casos; podendo passar por nós despercebidos alguns detalhes importantes, que se levados em consideração, talvez mudem radicalmente a direção das nossas intervenções – visando sempre o que seria mais assertivo e benéfico para os pacientes.

Ao levar os casos para supervisão, como o próprio nome diz ‘super/visão’, buscamos a opinião de outro profissional, que não participa diretamente dos processos; portanto, encontra-se fisicamente distante, podendo ‘enxergar a floresta, enquanto estamos vendo apenas a árvore’. Simbolicamente falando, o paciente representa a árvore, na qual o psicoterapeuta está ‘focado’ e envolvido; enquanto a relação terapêutica paciente/psicoterapeuta e toda dinâmica decorrente desta relação, onde acontecem os fenômenos da *transferência*² e da *contratransferência*³ representa a floresta, o todo. Nestes encontros psicoterapeuta/paciente, um influencia o outro e os dois podem se transformar. Jung enfatiza que “[...] o encontro de duas personalidades é como a mistura de duas substâncias químicas diferentes: no caso de se dar uma reação, ambas se transformam” (JUNG, OC. 16/1, § 163).

2. Transferência: “[...] indica-se genericamente o caráter emotivo-afetivo da relação do paciente com o analista, e em sentido específico o fenômeno da transferência inconsciente, sobre a pessoa do analista, das representações psíquicas que são próprias do paciente” (PIERI, 2022, p. 502).

3. Contratransferência: “[...] transferência do analista sobre o paciente” (PIERI, 2022, p. 502).

Kugler (2023, p. 22) destaca que a supervisão abrange vários aspectos, com o intuito de estimular o trabalho do supervisionando; explora técnicas; esclarece as questões da transferência e contratransferência; propõe orientação para pesquisa clínica, aponta dinâmicas arquetípicas e repetições de comportamentos etc.; de forma que além de analista, o supervisor é um instrutor.

Como cada supervisor tem seu próprio estilo e sua tipologia específica, o campo interativo que se manifesta nestes encontros supervisor/supervisionando pode, dependendo do supervisor, reverberar de diferentes formas, possibilitando diversos olhares para uma mesma questão. Isto justifica o fato de que, no curso de formação temos que ter mais de um supervisor. Esta regra foi contemplada no documento que prevê as normas de funcionamento do IJUSC, conforme as diretrizes da AJB e da IAAP, onde consta que das horas de supervisão individual no decorrer da formação, o candidato terá que contar “com no mínimo 2 (dois) supervisores, sendo ambos analistas didatas da AJB” (IJUSC, Regulamento Interno, 2019).

Foram muitos os aprendizados adquiridos ao longo desta primeira etapa do caminho de ‘tornar-se analista’. Esse percurso, além de propiciar aprofundamento e maior compreensão da teoria analítica, foi um vasto campo para trocas de experiências, que enriqueceram nosso repertório, tanto pessoal como profissional. A análise pessoal, bem como a supervisão, ambas iniciadas muito tempo antes da formação, tornaram-se ainda mais relevantes; portanto, certamente terão continuidade na segunda etapa e após a conclusão do curso.

Quanto aos encontros de tutoria, realizados semestralmente, foram e continuam sendo significativos, no sentido de reconhecer nossos esforços, apontando-nos oportunidades de melhorias dos trabalhos que produzimos, acompanhando nosso posicionamento enquanto integrantes do Instituto e oferecendo-nos os respectivos *feedbacks*, com o intuito de nortear nossa trajetória.

O sentimento que fica é de gratidão. Aos familiares e amigos que apoiaram nossa jornada e compreenderam nossos momentos de ausência. Aos professores, colegas, analista, supervisores e tutora, que contribuíram conosco nesta primeira etapa da formação, alguns dos quais continuarão por perto – isto é muito importante. Especialmente, devemos agradecer aos pacientes – pessoas estas que depositam confiança em nosso trabalho, concedendo-nos a possibilidade de testemunhar suas trajetórias de vida e exercer esta profissão. A todos, nosso muito obrigada!

Grün distingue emprego de profissão, diz que emprego é para ganhar dinheiro e profissão está estreitamente relacionada à vocação, reforça que “às vezes a profissão é uma resposta ao chamado de Deus” (GRÜN; MÜLLER, 2016, p. 16). Nessa mesma linha de pensamento, Von Franz postula que “[...] a palavra *vocação* está relacionada com algo ainda mais profundo e essencial – a ligação com Deus ou com os deuses, ou seja, com as forças que se manifestam dentro da psique” (VON FRANZ, 2021, p. 326-327). Para esta autora “não basta termos sentido uma única vez o chamado da vocação; o direito de praticarmos esta profissão precisa ser repetidamente conquistado dentro de nós” (VON FRANZ, 2021, p. 336).

Atender ao chamado para exercer a profissão de psicoterapeuta/analista, implica em assumir responsabilidades. Nosso trabalho consiste em facilitar os processos de individuação⁴ dos pacientes/analysandos, mantendo-nos atentos ao nosso próprio processo. Fica implícito o fato de termos interesse genuíno por pessoas, sentindo-nos constantemente motivados para o que nos propomos realizar; caso contrário, como disse Von Franz (2021, p. 336) não teríamos o direito a essa prática.

É esperado que, como psicoterapeutas/analistas estudemos constantemente, ampliando cada vez mais nosso cabedal de conhecimentos; mas isto não nos dá o direito de nos colocarmos em posição de superioridade – definitivamente, não temos a menor condição de julgar as pessoas que se colocam à nossa frente; para nós, estes são momentos que consideramos sagrados, onde acontece o ‘encontro de almas’.

Jung diz que “[...] a psique não pode ser apreendida numa teoria, tampouco o mundo. [...] as teorias não são artigos de fé; quando muito, são instrumentos a serviço do conhecimento e da terapia; ou então não servem para coisa alguma” (JUNG, OC. 16/1, § 198). Os psicoterapeutas/analistas que adotam a abordagem analítica compreendem que numa relação terapêutica acontece a comunicação consciente/inconsciente entre as pessoas que participam do processo. Em relação a isto, Jung nos alerta:

[...] a psicoterapia é [...] uma profissão difícil e perigosa. Do mesmo modo que o médico, em geral, está exposto a infecções e outros riscos profissionais, o psicoterapeuta está arriscado a contrair infecções psíquicas, não menos perigosas. [...] por um lado, corre o perigo de envolver-se nas neuroses de seus pacientes, por outro, ao procurar proteger-se contra a influência destes sobre si, pode privar-se do exercício do efeito terapêutico (JUNG, OC. 16/1, § 23).

4. Individuação: “[...] a individuação coincide com o desenvolvimento da consciência. [...] Significa um alargamento da esfera da consciência e da vida psicológica consciente (JUNG, OC. VI, § 856).

Reconhecemos que o curso de formação de analistas, com toda a capacitação, apoio e orientações que nos foram proporcionadas, ampliou nossa capacidade de escuta e promoveu maior segurança para o exercício da profissão. Percorrer este caminho tem sido extremamente gratificante, no sentido de encontrar nossa equação pessoal⁵ e desenvolver nosso próprio método de trabalho. Jung realça que “todo psicoterapeuta não só tem o seu método: ele próprio é esse *método*. [...] O grande fator de cura, na psicoterapia é a personalidade do médico – esta não é dada *a priori*; conquista-se com muito esforço, mas não é um esquema doutrinário” (JUNG, OC. 16/1, § 198). Segundo ele “[...] cura significa transformação” (JUNG, OC. 16/1, § 11).

Não ‘atendemos’ o desejo expresso por Jung, na carta por ele escrita *Ao Dr. J.H. van der Hoop*, que diz: “[...] só espero e desejo que ninguém se torne ‘junguiano’. [...] não advogo nenhuma doutrina pronta e fechada e abomino ‘partidários cegos’. Deixo a cada um a liberdade de lidar a seu modo com os fatos, pois eu também tomo esta liberdade para mim” (JUNG, 2002, p. 9 – Carta de 14.01.1946).

Continuamos nos apresentando como ‘junguianos’, muito provavelmente porque não encontramos maneira melhor de nos apresentar. Todavia, podemos e devemos dialogar com as ideias de Jung; concordando, discordando e até mesmo propondo ampliações dos seus escritos, considerando que vivemos em outra época. Isto, de alguma forma vem acontecendo; mas a impressão que se tem é que ainda não assimilamos seus ensinamentos na totalidade; além disso, sabemos que várias obras dele ainda não foram publicadas.

Temos que admitir que a etapa que está por vir até concluirmos o curso de formação, nos causa certo grau de apreensão; mesmo porque teremos prazo a cumprir. Evidentemente, este trecho do caminho será mais solitário, já que não teremos mais os seminários – ocasiões estas onde a troca de ideias com os colegas era intensa. Agora, provavelmente será um momento de maior introspecção, de fechamento de um ciclo e abertura de outro – simbolicamente representado pelo arquétipo da morte/renascimento.

Este *paper* diz respeito a uma experiência pessoal, que fizemos questão de relatar, e pode encontrar ressonâncias com experiências de outros candidatos à formação. Este conteúdo que ‘pulsava’ precisava se manifestar – aqui está!

5. Equação pessoal: “[...] o sentimento básico de que há uma ‘boa relação’ entre analista e analisando” (HALL, 2022, p. 42).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRÜN, Anselm; MÜLLER, Stefan. **Profissão x vocação: quando é preciso escolher ou ter coragem para mudar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

HALL, James A. **A experiência Junguiana: conceitos fundamentais sobre Análise Clínica e o Processo de Individuação**. 2. ed. – São Paulo: Editora Cultrix, 2022. (Biblioteca Cultrix de psicologia junguiana).

JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C.G. Jung**. Vol. 2. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 2ª reimpressão, 2021.

_____. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência**. – 16. ed. Petrópolis, Vozes, 2013. (OC. 16/1).

_____. **Tipos psicológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. (OC. 6).

KUGLER, Paul (org.). **Perspectivas Junguianas sobre supervisão clínica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. (Coleção Reflexões Junguianas).

NAGY, Marilyn. **Questões filosóficas na psicologia de C.G. Jung**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. – Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Paulus, 2022.

STEIN, Murray. **Psicanálise junguiana: trabalhando no espírito de C.G. Jung**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia**. 2. ed. – São Paulo: Paulus, 2021 (Coleção Amor e Psique).

WINKEL, Erna van de. **Do inconsciente a Deus: ascese cristã e psicologia de C.G. Jung**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

GROESBECK, C. Jess. **A imagem arquetípica do médico ferido**. Revista Junguiana N 1 – SBPA, 1983.

<https://site.cfp.org.br/servicos/orientacao-e-etica/#LEGISLACAO> – Acesso em 10/02/2025.

IJUSC. **Regimento interno**. 2019.

www.youtube.com/@thiasos6881 – Acesso em 10/02/2025.